

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: MARIO CASTELHANO
Editor: SILVINO NORONHA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 2850; Africa Portuguesa, 6 meses 6600; Estrangeiro, 6 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2496

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 1927

INSISTINDO

O verdadeiro problema, aquele que realmente poderá trazer aos povos a sua autonomia e liberdade, esse ainda não foi por eles conscientemente concebido e do seu desconhecimento se aproveitam os que lhes convêm todas as situações de inferioridade em que os vão conservando.

As consequências deste facto são inúmeras. As multidões, mesmo as que sentem melhor as causas da desigualdade social, não investigando por completo e como atingir o que por intuição sentem, são quase sempre impulsionadas mais por instinto do que por raciocínio e aceitam, pelo menos em expectativa, prejudicial e contraproducente, os vários métodos apregoados para a sua libertação. Quando o arrependimento surge, mais difícil se torna a luta e a destruição do que há conquistado posição.

Novas épocas passam, sem que atinjam umas condições positivamente benéficas e novas oscilações as trazem em problemáticos avanços e acentuados rumos, para de novo irem cair em situações semelhantes.

E' com estes factores que conta a classe burguesa-capitalista.

Eles têm contudo uma explicação. As suas condições de vida, a dificuldade que têm em adquirir os indispensáveis conhecimentos, que os podessem esclarecer devidamente, dá origem a este estado de coisas, e da sua ignorância se aproveitam e exploram os que nisso interessam, nas diferentes fases por que os povos passam até atingirem as suas aspirações, ainda em luta.

Os acontecimentos que actualmente envolvem o mundo, com os diferentes aspectos de país para país, não é mais do que o produto natural dessas efervescências, quasi sempre originadas no sofrimento desses mesmos povos, mas sem directriz definida, o que dá origem a que outras correntes se arvoreem em dirigentes tão bons ou tão maus como os anteriores.

Paralelamente ao que se está passando lá fora, aqui, quer sob o sistema político e religioso, quer quanto à questão mais propriamente chamada social, os factos assemelham-se, apresentando só em determinados aspectos características especiais, devido muito especialmente à psicologia do povo.

E é nisto que se salvaguarda a classe burguesa!

Como se a questão não tivesse, mesmo nas condições citadas, avançado em relação ao aspecto que apresentava há uns cinquenta anos por exemplo.

Essas oscilações só denotam que ainda não foi adquirido pelos interessados a concepção nitida da questão e dos meios a adoptar para que, duma forma geral, ela seja resolvida no sentido colectivo e nunca em benefício de grupos ou partidos. A seiva dessa nova vida reside exactamente na organização operária. Ela é que há de com a sua influência, a sua acção e luta revolucionárias transformar a sociedade.

O germe da revolta agita-se no seu seio e há de levá-la à conquista da sua emancipação. E conquistada ela, estará resgatada a humanidade.

O "Pero de Alenquer"

O transporte de guerra "Pero de Alenquer", largou de Ponta Delgada para Cardiff a fim de atestar de carvão, seguindo depois para Moçambique e Macau.

Os poderes e os vencimentos do novo governador civil da Horta

Por decreto publicado ontem no *Diário do Governo*, foi nomeado para exercer, em comissão, o cargo de governador civil do distrito da Horta, o capitão da Administração Militar sr. José Soares de Mesquita, que desempenhava o cargo de adjunto do Alto Comissário.

Independente das funções que lhe são adstrias como governador civil, é-lhe conferida a superintendência em todos os serviços de administração pública, podendo adoptar as providências excepcionais que em cada caso julgar necessárias, a bem do interesse da população do distrito, as quais se encontram a cargo do Alto Comissário, e bem assim, o poder de nomear e demitir as autoridades e comissões administrativas e militares em todo o distrito, dando sempre conta aos respectivos ministros das Resoluções que tomar.

Além dos vencimentos e gratificações a que tem direito como oficial do Exército, perceberá mais o subsídio de 2.500 mensais, sem qualquer outra remuneração que diga respeito ao cargo de governador civil.

O FOGO EM CASA

O que é natural num dia pode tornar-se desumano no dia seguinte

Nas nossas campanhas de justiça e de humanidade, nenhuma voz na imprensa se elevou, mostrando compreender-nos e afirmando, sem ofertas de solidariedade, embora, que bastante forte era a nossa razão. Combater actos humanos e abusos que, saltando todos os sentimentos, iam ferir as próprias noções de direito, motivava a imprensa ataques brutais e injustos e, às vezes, relevando-se na sua deslealdade.

O que vem a ser para a moral burguesa um sentimento de justiça? Uma cousa de pouca monta para os que dominam, um caso político para os que ainda não dominam. Em qualquer caso, nenhuma verdade, nenhuma sinceridade.

E perante a nossa revolta contra as injustiças, a imprensa calava-se ou exigia que nos amordaçassem. A luta tem sido para nós a mesma, em todas as circunstâncias. Nunca nos orientámos por interesses de ocasião, de partido ou de pessoas, mas inspirámo-nos sempre nos nossos ideais de liberdade e de justiça, a ponto de defendermos perseguidos que, por várias razões e antagonismos, se tornavam nossos inimigos.

As injustiças, as perseguições, as incomunicabilidades, as torturas, foram cotidianamente, e continuam sendo, a pesar de tudo, os alvos das nossas campanhas. Sempre lutámos isoladamente, porque a imprensa conservadora ou pouco mais do que isso andava muito empenhada em «grandes» questões e não podia escutar «pequenos» clamores.

E é nos momentos mais dolorosos que parecemos vitoriosos. As «grandes» questões foram postas forçadamente de remissa, e os «pequenos» clamores já encontram vozes concordantes na imprensa burguesa. Ontem, um jornal que defende vários interesses financeiros e políticos—*A Tarde*—publicava um artigo intitulado «Processos». Vinha a propósito das perseguições movidas a políticos em destaque. Dêse artigo extractamos o seguinte período:

«Só aos tribunais compete e compete definir as culpas e aplicar as sanções que a lei estabelece.

A deportação é uma pena. Que tribunal a aplica?

Que culpas se provaram aos que a sofrem, depois de terem prestado à Nação e à República os mais altos serviços?

Quem toma a responsabilidade do que se fez?

Ninguém pode estar preso, sem culpa formada, mais de 8 dias.

Ninguém pode estar incomunicável mais de 24 horas.

Não foram abolidas, que sabemos, as leis que dão aos cidadãos, mesmo aos criminosos, essas garantias.

Porque se desrespeitam então?

Não se reconhece de uma vez que são os abusos de uns que provocam e justificam os exageros dos outros?

Porque se não preferem entregar aos tribunais os pretensos culpados e julgá-los, em vez de lhes aplicar arbitrariamente penas?

Quem os indemniza dos prejuízos materiais e morais de que são vítimas?

Decididamente não vamos bem por este caminho.

As leis de excepção, os abusos praticados em nome da razão do Estado não de repetem-se ainda?

Não bastam os lamentáveis e revoltantes exemplos dos últimos tempos?

Incomunicabilidade de meses?

Prisões sem culpa formada de meses? Leis com efeito retroactivo em que se negam os mais nobres princípios de direito?

Juízes cobrindo com a boca todos os abusos e todas as violências quando não tomando a iniciativa de peles, baseando-se nos abusos e nas violências praticadas pelo Poder Executivo?

E que se espera depois que seja a vida pública nacional desde que as paixões se alteiam e os interesses transitórios dos governos ou das classes conseguem sobrepor-se aos princípios fundamentais da Justiça em que assentam as garantias da vida, da liberdade e da honra dos cidadãos?

Tudo isso que *A Tarde* condena, temos nós vindo a combater incessantemente, quasi sempre desajudados. Para perseguir, cometer actos abusivos, tem-se empregado todos os processos de violência, de calúnia e difamação de operários honestos, a propósito de actos que nunca defendemos.

Até há pouco, eram operários perseguidos por motivo da luta de classes; militantes deportados por virtude da sua actividade sindical; e todos envolvidos com indivíduos que, não merecendo a nossa solidariedade depois da prática de actos indecifáveis, não despertavam em nós mais do que piedade, pois não seguimos a moral burguesa. A imprensa conservadora achava bem...

Agora, são políticos caídos em desgraça que sofrem a mesma perseguição. E a imprensa burguesa já começa a achar ilegítimos estes processos de suprimir uma oposição. Não deixa de ser digno de registro.

Veremos, porém, quanto durarão tais sentimentos de justiça. Continuarão eles sendo uma questão de tempo?

Um crédito especial de 2.048 contos para o exército

Pelo ministério da Guerra foi ontem publicado na folha oficial um decreto autorizando um crédito especial de 2.048.500\$00 destinado a reforçar algumas verbas entre as quais avultam as seguintes:

Vencimento do marechal do Exército, 36.000\$00.

Gratificação de voto e vencimentos a oficiais, sargentos e equiparados por motivo de serviços determinados pelo ministério, transferências e colocações, 800.000\$00.

Ajudas de custo e bagageiros a oficiais, sargentos e equiparados por motivo de serviços determinados também pelo ministério, etc., 1.200.000\$00.

A FOME ALASTRA

Em todo o país há milhares de desgraçados lutando com falta de recursos para viver, sem que se tomem providências

Há fome em todo o país! Clamam os jornais em grandes parangons. Diz-se em voz baixa, com receio de se ser ouvido, nos cafés, nos barbeiros, por toda a parte onde se discute a crise de trabalho e a carestia da vida.

As próprias entidades do governo não ocultam a catástrofe. Nas entrevistas concedidas aos jornalistas, nas conferências com as comissões operárias, o governo concorda que a fome é má conselheira, lugar comum já sediciosa, mas pouco respeitado pelos que poderiam evitar as consequências dessa grande verdade.

Medidas para debelar esse mal que toma aspectos de cataclismo, não se tomam. Nalguns países os governos preocupam-se com o problema que é grave, que compromete a tranqüilidade social. A fome conduz a situações de desespero, à prática de actos revoltosos e violentos.

Na Inglaterra mereceu o caso a atenção dos economistas e dos sociólogos. Discutiu-se largamente, votaram-se alvites, criaram-se condições para combater o flagelo. Numa palavra: adoptou-se a profilaxia conveniente para matar o microbio da Fome!

Chegou-se a votar no país dos lordes uma pensão aos desempregados. O *chomeur* recebia do próprio Estado uma verba com que se alimentava e aos seus.

Em Portugal procede-se de modo diferente. Não queríamos que se votasse uma verba para manter os famintos. Somos avessos a todas as esmolas. Com o dinheiro destinado a essas pensões que se abram trabalhos públicos onde empregar a actividade dos que não têm que comer.

Não queremos a esmola porque ela avilta,

A LIÇÃO DOS FACTOS

CAUSAS DAS SCISÕES NO MOVIMENTO OPERÁRIO EM FRANÇA

Durante os últimos anos, o movimento operário francês sorria ante a rivalidade dos partidos que disputavam a hegemonia sobre ele. Antes da guerra, foi a França, por autonomia, a Meca do sindicalismo revolucionário, um dos poucos países em que a organização operária se inspirava nos princípios da luta de classes e da acção directa.

Quando, no período da guerra, os dirigentes da C. G. T. se aliaram à política dominante, os elementos revolucionários não os seguiram e tomaram posições contra a descarada traição. Formaram-se então comités sindicais revolucionários para defesa do sindicalismo contra os desvios.

Ao estalar a revolução russa e ao terminar a guerra, os mesmos comités foram tornando-se fortes até constituir uma oposição bem organizada no seio da C. G. T. Do congresso de Lille, em 1921, veio a scisão. A oposição separou-se da C. G. T. e fundou uma nova organização nacional com todos os seus elementos—era a C. G. T. unitária.

Depressa se chocaram na C. G. T. divergências e discórdias entre as diversas tendências que originaram a separação dos elementos sindicais revolucionários. Os elementos sindicais revolucionários, por partidários pouco leais, uma pequena maioria que decidiu a adesão da C. G. T. U. à Internacional Sindical Vermelha.

Tornou-se cada vez mais difícil aos defensores do sindicalismo revolucionário exprimir livremente as suas opiniões dentro da C. G. T. U. A acção sindical foi subordinada aos objectivos do partido comunista. E em 1924, quando foram assassinados pelos comunistas, na sede sindical de Paris, dois dos nossos camaradas, quebraram-se os laços da C. G. T. U. que seguravam ambas as tendências, embora artificial e exteriormente, e os sindicatos de orientação sindicalista revolucionária abandonaram a central unitária.

Seguiu-se um triste período de decadência do sindicalismo francês. A ideia não morrera: vivia e tinha numerosos partidários; estes, porém, estavam disseminados e a sua capacidade organizadora quasi se perdera. Nas centrais existentes não podiam nem queriam entrar: a velha C. G. T., depois do afastamento da sua ala revolucionária, colocou-se francamente no terreno da colaboração de classes e pretendia agora solucionar os problemas sociais em concordância com os patrões e com o governo; a C. G. T. U. era absolutamente dominada pela influência de Moscúvia e fazia das organizações sindicais simples células de partido.

Colaborar com qualquer das Confederações tornava-se impossível e por isso as organizações sindicais revolucionárias continuavam isoladas. Sem dúvida, seria mais simples a congregação numa nova organização nacional que atrairse todos os sindicatos locais e federações de indústria ao sindicalismo revolucionário.

Faltou, porém, a boa disposição. A velha ideia de se existir em cada país uma organização nacional agrupando todos os trabalhadores sem distinção de credos filosóficos, religiosos ou políticos estava fundamentalmente arraigada na cerebração dos militantes franceses; ainda subsiste nos membros das outras C. G. T. motivando que, periodicamente, se tente a aproximação de

porque ela desenvolve a preguiça. Corpo alimentado sem trabalhar é corpo propenso à preguiça.

Queremos trabalho para viver honestamente, porque temos direito à Vida. A fome que se faz sentir em todo o país tem uma das suas determinantes na crise de trabalho.

No entanto, a pesar de tudo que se tem dito, não se abrem trabalhos públicos onde se empregariam os sem trabalho. As obras projectadas pela Câmara Municipal não se realizam com novo pessoal—com aqueles infelizes que há muito tempo não ganham vintém.

Não é só em Lisboa que o mal se verifica.

Setúbal, a cidade outrora tão rica, está atravessando uma situação tristíssima. As indústrias de pesca e conserveira paralisaram. E dessa paralisação veio a fome com todo o seu cortejo de desgraças.

Um jornal de ontem informava que os habitantes da cidade do Sado saem de noite, embrulhados nos seus miseráveis andares e vão de porta em porta pedir uma esmola com que matem a fome.

Acreditamos. Setúbal é rica quando possui peixe. Faltando ele, faltam-lhe os meios de subsistência.

E a fome estende seu manto de extermínio a todos os lares, abrindo sulcos de tragédia em todos os tugúrios.

A fome é o agente convulsor de todas as grandes rebeliões. Se não houver um gesto que a evite não devemos estranhar que ela assinala a sua existência como sinete indelével.

HOSPITAIS CIVIS

O dr. João Pais de Vasconcelos demitiu-se do cargo de director geral

O dr. João Pais de Vasconcelos, que há três anos exercia o cargo de director geral dos hospitais civis, acaba de demitir-se. Em tais termos foi posto ao ministro o pedido de demissão que este não teve outro remédio que aceitar.

Não é da índole deste jornal tecer elogios a pessoas que na sua vida não produziram uma obra útil. Com um dr. João Pais de Vasconcelos não sucede isso. O ilustre médico durante o triénio do seu exercício, embora tivesse errado, deixou um trabalho interessante, cuja utilidade pública nos dispensamos de enunciar.

A criação do balneário do hospital de São José é, talvez, o melhor legado do dr. João Pais de Vasconcelos. Quando da nossa reportagem sobre os hospitais civis salientámos a importância dessa obra.

Lisboa fica dotada com um esplêndido balneário, um dos melhores no género. Amplas cabines, admiráveis banheiras e tudo quanto de mais conveniente convém a um balneário. A sua capacidade é para 400 banhos diários.

Além do balneário o dr. João Pais instalou os serviços de Raio X nos hospitais do Rêgo e de Arroios; mandou arranjar e limpar diversas enfermarias, cujo aspecto era desolador e metia medo; criou o Instituto de Anatomia Patológica no hospital de São José; regulamentou as condições de admissão e promoção do pessoal dos hospitais; e mandou construir um grande depósito de água no hospital do Rêgo, onde mal chegava o estio faltava a água por completo.

O dr. João Pais de Vasconcelos justificou o seu pedido de demissão nas divergências existentes com os seus colegas quanto à interpretação de certos artigos da reforma de Lobo Alves. Essas divergências, algumas vezes vieram até às colunas dos jornais, especialmente quando dos concursos para o provimento das vagas de assistentes e internos nos hospitais civis, e nas quais tomaram parte ostensiva os srs. drs. Alberto Mac-Bride e Mota Cabral.

O dr. João Pais de Vasconcelos, que é o director da enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, retira da direcção dos hospitais civis deixando uma obra que não sendo completa, é contudo, proveitosa. Oxalá que o seu substituto continue essa obra, com o que muito terá a lucrar a população hospitalar.

Pesca do bacalhau

Os industriais da pesca de bacalhau telegrafaram ao sr. ministro da Marinha, em vista de se aproximar a época de aparelhar os navios que se destinam àquela pesca, pedindo para que sejam dadas medidas de protecção para a referida indústria.

Sanidade interna

Segundo o último Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 9 casos de difteria, 1 de escarlatina, 5 de febre tifóide, 1 de sarampo e 2 de varíola.

A desgraça de um homem que foi poderoso e mau

Os jornais referem a evasão audaciosa de António Maria da Silva, que estava preso no Forte da Trafaria. Diz-se que o grande político se esqueceu—e ainda bem—da sua famosa norma de tudo adiar para melhor se resolver. Avistando já o navio que o havia de engulir para o vomitar nas doentias plagas onde sofreram, e alguns morreram, operários que para lá deportou, a pretexto de cometimento de crimes de que poucos foram culpados, o sr. António Maria da Silva apercebeu-se de que adiar era perder-se—e fugiu.

Ninguém sabe para onde fugiu o perseguidor de operários, ora caído em desgraça de meras circunstâncias políticas. Por mais que dominemos os impulsos da nossa consciência, não sabemos disfarçar a nossa indiferença pela sorte desse antigo senhor da liberdade de todos nós.

A fuga do chefe demagógico não é daquelas que nos inspirem facilmente uma frase de esperança. Ah! o sol da liberdade... Roubou-a em outros tempos a muitos inocentes que, para vencerem a sua revolta, viram numa fuga, quasi sempre mais arriscada e menos provida de recursos, a melhor forma de recuperar o que justo seria nunca houvesse sido aniquilado.

Embolou-se em violências inúteis a sensibilidade do chefe democrático. Passou a viver fora dos sentimentos humanos, sentindo-se inabalável no seu poder, que parecia inamovível, e adquiriu a falsa e desgraçada noção de que a tais sentimentos já mais teria de recorrer. E só tratado com flagelosa dureza compreendeu que na vida não há seres distintos nem mais perfeitos...

As horas que decorrem, de perigo e sobressalto para a sua existência, talvez desmintam ao sr. António Maria da Silva a sua apregoadada incapacidade de raciocínio. Se o momento é, para si, de meditação, terá o chefe do bando democrático recordado intimamente a desdita de tantos homens que perseguiu brutalmente, dando a alguns o desesperado ensejo de um acto semelhante ao que praticou agora na Trafaria, proporcionando a muitos o destino que ora lhe estava reservado?

Não sabemos, porque disso não cuidamos, se a lição recebida de algum proveito servirá, agora ou mais tarde, ao decalco de hoje. Não há muitas pessoas a desejarem a ressurreição política do sr. António Maria da Silva para que ela se possa tornar a hipótese de uma breve realidade. A nós não importa, já o dissemos, a sorte do sr. António Maria da Silva. Na nossa indiferença não há o menor desejo de que lhe aconteça maior mal. Não temos também o menor regosio na observação da sua desgraça, bem menor do que a que provocou em tantos lares desprovidos. Mas o que não podemos, não queremos nem sabemos perdoar ou remir é o imenso mal que fez no tempo, ainda não distante, em que foi poderoso.

HOSPITAIS CIVIS

O dr. João Pais de Vasconcelos demitiu-se do cargo de director geral

O dr. João Pais de Vasconcelos, que há três anos exercia o cargo de director geral dos hospitais civis, acaba de demitir-se. Em tais termos foi posto ao ministro o pedido de demissão que este não teve outro remédio que aceitar.

Não é da índole deste jornal tecer elogios a pessoas que na sua vida não produziram uma obra útil. Com um dr. João Pais de Vasconcelos não sucede isso. O ilustre médico durante o triénio do seu exercício, embora tivesse errado, deixou um trabalho interessante, cuja utilidade pública nos dispensamos de enunciar.

A criação do balneário do hospital de São José é, talvez, o melhor legado do dr. João Pais de Vasconcelos. Quando da nossa reportagem sobre os hospitais civis salientámos a importância dessa obra.

Lisboa fica dotada com um esplêndido balneário, um dos melhores no género. Amplas cabines, admiráveis banheiras e tudo quanto de mais conveniente convém a um balneário. A sua capacidade é para 400 banhos diários.

Além do balneário o dr. João Pais instalou os serviços de Raio X nos hospitais do Rêgo e de Arroios; mandou arranjar e limpar diversas enfermarias, cujo aspecto era desolador e metia medo; criou o Instituto de Anatomia Patológica no hospital de São José; regulamentou as condições de admissão e promoção do pessoal dos hospitais; e mandou construir um grande depósito de água no hospital do Rêgo, onde mal chegava o estio faltava a água por completo.

O dr. João Pais de Vasconcelos justificou o seu pedido de demissão nas divergências existentes com os seus colegas quanto à interpretação de certos artigos da reforma de Lobo Alves. Essas divergências, algumas vezes vieram até às colunas dos jornais, especialmente quando dos concursos para o provimento das vagas de assistentes e internos nos hospitais civis, e nas quais tomaram parte ostensiva os srs. drs. Alberto Mac-Bride e Mota Cabral.

O dr. João Pais de Vasconcelos, que é o director da enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, retira da direcção dos hospitais civis deixando uma obra que não sendo completa, é contudo, proveitosa. Oxalá que o seu substituto continue essa obra, com o que muito terá a lucrar a população hospitalar.

Pesca do bacalhau

Os industriais da pesca de bacalhau telegrafaram ao sr. ministro da Marinha, em vista de se aproximar a época de aparelhar os navios que se destinam àquela pesca, pedindo para que sejam dadas medidas de protecção para a referida indústria.

Os maiores culpados da angustiosa e deprimente situação da imprensa

Que atacamos a imprensa atacando *O Seculo* e o *Diário de Notícias*—dizem-nos. Pois é exactamente em defesa da imprensa que temos feito àqueles dois jornais uma critica que achamos justo seja considerada acerba e violenta.

E' facil de saber porque assim acontece. Esses jornais não vivem dos seus recursos, nem defendem os seus interesses—defendem os recursos e os interesses dos seus proprietários, ou melhor dizendo, dos seus detentores. E como são eles os monopolizadores da opinião pública—uma das maiores mistificações e das maiores mentiras da sociedade portuguesa—vã de sopraprem por meio daquelas poderosas trombetas artigos e notícias que servem unicamente a interesses particulares e inconfessáveis.

E' uma autentica obra de *chantage* levada a cabo por criaturas que se arvoraram em senhores absolutos do país, *chantage* que, na maioria dos casos, tem dado um resultado excelente.

O Seculo e o *Diário de Notícias* não são há muitos anos empresas jornalísticas. São prisioneiros de grupos da finança que os exploram, sem prejuízo, e sem terem em conta os lucros. Esses grupos da finança não têm nenhum interesse pela imprensa visto que a ela não pertencem, nem como assalariados, nem como empresários. No fundo o seu maior desejo seria que a imprensa nacional existisse. Mas como não a podem suprimir, manietam-na.

A imprensa para eles é um meio e não um fim; não é nem uma indústria, nem uma tribuna de ideias—é uma gazua.

As atitudes do *Diário de Notícias* e de *O Seculo* em face das situações políticas nunca foram combinadas nem nas redacções, nem nas administrações daqueles jornais, mas sim nos escritórios de vários bancos e companhias. A qualidade do pão pode ser conhecida por quem viva no estrangeiro. Quem leia o *Diário de Notícias* tira facilmente uma conclusão obtida com uma certeza inegualável.

Se ele ataca o governo—o pão (sofrível e não está pelo preço que a Moagem quer. Se o defende o pão está intragável e caríssimo. Se o defende o pão está intragável e caríssimo. Se mantem uma atitude neutra é facil de concluir que a Moagem aguarda a decisão do governo para se pronunciar pró ou contra.

Diz-se—é verdade—que o pão é o principal alimento do povo. Pois pode o pão estar falsificado e ser nocivo a ponto de causar doenças, algumas delas mortais; pode o pão estar por preços que condenam a população à fome. O *Diário de Notícias* deixará que a população seja envenenada ou rebente de fome, sem sair do seu silêncio. Se se disser alguma coisa será para defender a Moagem alegando que o pão não pode ser vendido mais barato e que é uma exigência desmedida o pretender que o principal alimento do povo seja feito de farinha!

O Seculo atacou há tempos um governo democrático. Razão: a lei da selagem, não por ela prejudicar os consumidores, mas sim por embaraçar o comércio. Se a empresa de *O Seculo* era a União dos Interesses Económicos, isto é, o comércio e a indústria, principalmente o grande comércio e a grande indústria.

Há meses que se vem arrastando na Associação Comercial uma questão duplamente vergonhosa: vergonhosa pela maneira como tem sido tratada e vergonhosa pelas intenções.

MUSICA

O 10.º concerto Fão

E' verdadeiramente sensacional o programa do festival italiano que, interpretado pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direcção do maestro Fernandes Fão, vai realizar-se na tarde de depois de amanhã, no Ginásio. Entre as novidades que contém esse programa, notam-se, em destaque, um solo de violino executado pelo exímio professor Luís Barbosa na obra de Tomáš Vítal, instrumentação de O. Respighi, «Ciaccona» com acompanhamento de órgão e orquestra e a apresentação de D. Sofia Paldano que se fará apreciar num solo de piano, isto além de outras atracções, que tornarão verdadeiramente encantadora a audição.

TIVOLI
A'S 21 HORAS
ORIENTE
Super-Film de Costumes Arabes, em dez partes, com
MARIA JACOBINI
(Simultaneamente, em dois papéis)
HARRY LIETKE
Robinson Crusoe
Desenhos Animados
Cine-Magazine --- Uma cine-farga
Audição especial pela Orquestra, sob a direcção do Maestro MICHELLO MARIANO.

A cega que ri

Caminhava a manhã, franzida nas dobras do seu manto de cinzas, tristonha e amuada com o sol que tardava a aparecer — recheia-se tarde na véspera, entretido a empapar de luz sanguineos os restos do dia que lindava, por isso era mandrião.

E um dia sem sol — é uma vida sem amor. As avezinhas poissavam de ramo em ramo, num ruilar de azas inquieto, enquanto, beijando a terra, as florinhas tremiam, tremiam...

Havia um maciço delas assim, acanhado, encanecido, as paredes de uma casa anónima, de portas cerradas como um enigma indecifrável. Lá dentro havia vida, alegria até que se manifestava em gargalhadas cristalinas que vieram até mim, nessa manhã sem sol, a desmentir os meus conceitos de descrente, como protesto à minha solidão, à minha tristeza. Já me não lembrava bem do tempo que me quedei, agulhoado à minha imaginação, a receber o banho purificador daquela voz curiosa que onduava em harpejos duma rara harmonia, para depois se quebrar em convulsões, rir, a gargalhar... com satisfação delirante.

E logo o meu espírito começou a penetrar, envolvendo-a em montões de rendas, a figurinha gentil da minha desconhecida, que escondida por um montão de flores e duas táboas mal unidas, continuava a rir — quem sabe? talvez do meu espanto de ainda haver quem risse; enquanto que eu sofria.

Logo depois surgiu alguém, contornando os maciços floridos. Sem falar, dum gesto elucido perguntou — quem ri, lá dentro? — E a ceguinha, — sr. — que fala e ri, a brincar com as flores que ela não vê, e que todas as manhãs colho para ela... — responderam-me.

Sinto as gargalhadas estalarem aos meus ouvidos trôncos e cruéis, ecoando por toda a parte, saindo dos muros, avolumando-se nos cantos, elas perseguem-me impiedosamente. Vejo um montão de flores, dois olhos sem brilho, parados, indiferentes e insensíveis à luz e à vida, enquanto que duas mãos brancas, muito finas, vão erguendo as flores para as deixarem escorregar por entre os dedos afilados e tombarem no chão, manchando-o de cor, — rubro, amarelo, lilaz — das cores que ela não pode ver.

E quando as mãos se erguem a beijar as flores que a sua boca vai flagar, uma gargalhada rebenta, que, de tão quente, que então me parecia, hoje me parece gelada, fria como a morte.

Por que será, meu Deus, que só os cegos sabem rir? Será o caso de não poderem ver a malade que vai pelo mundo, a razão de só eles poderem rir?

Ruy de CORDOVA.

Encerramento de estações tele-grafó-postais

Segundo telegrama de Moçambique, foram encerradas temporariamente as estações tele-grafó-postais de Naburi, Netra, Hulville, Pomen e Cerrame.

OS QUE MORREM

João Pedro da Silva
Realiza-se hoje, pelas 14 horas, o funeral do sr. João Pedro da Silva, marítimo, saindo do prelo funebre do Hospital de Arroios para o Cemitério do Lumiar.

DESPORTOS

Taga Luciano Fernandes
Resultado dos desafios realizados no dia 16: Sete-McInhos, marca 3 pontos por falta ao Sport Lisboa e Sol; Monte Pradense, idem por falta do Sport Lisboa e Sol; Campolide A; Santana A venceu Santana B por 4 a 2. Para o dia 23 foram marcados os seguintes encontros: Sete-McInhos contra Santana A às 9 horas; Sport Lisboa e Sol contra Campolide B às 11; Mascote contra Sporting Club de Campolide às 13.

ções e pela moralidade das pessoas que a têm debatido.

E os actuais detentores de O Seculo foram atacados porque saltaram por cima dos interesses dalguns accionistas das "forças vivas" para favorecerem os interesses de outros accionistas também das "forças vivas". E quem apareceu a defender O Seculo dos ataques que aqui lhe moveis? Um empresário de jornais? Não! Apareceu um homem de negócios, o dono duma sapataria cumulatativamente sócio duma loja de modas que nada percebe de imprensa e que sabe ler, escrever e falar — incorrectissimamente.

São estas as principais razões da situação em que a imprensa se encontra, merecendo ser salientado que a guerra à imprensa, o desprestígio da imprensa é movido pelos dois maiores jornais: Seculo e Diário de Notícias. Um dia a população saberá demonstrar, estamos certos disso, que não ignora as verdades que hoje damos à estampa.

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha
HOJE, às 21 horas
1.ª representação da peça de
RAMADA CURTO
JUSTIÇA...
Nos primicias papéis:
ALVES DA CUNHA
BERTA BIVAR
ADELINA ABRANCHES

Câmara Municipal de Lisboa

Mercado da Quinta do Papagalio

Sob a presidência do sr. Vicente Freitas voltou a reunir ontem, em sessão ordinária, a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

O vogal sr. dr. Filipe Caiola apresentou uma proposta, que foi aprovada por unanimidade, com as conclusões seguintes:

1.ª — Que a comissão delegada do Bairro do Alto do Pinheiro composta dos srs. Isaac de Sousa, Manuel Simplicio, António Castilho Lenteiro, Domingos de Azevedo, Américo da Costa, Manuel Maria e Artur Ferreira, seja autorizada a instalar um mercado agrícola no título precário em terrenos municipais, cerca da rua Carvalho Araújo;

2.ª — Todas as despesas concernentes a esta instalação sejam por conta da mesma comissão, segundo o plano apresentado e sob a fiscalização técnica da 3.ª Repartição;

3.ª — Que como compensação as receitas do mercado durante 12 meses, sejam arrecadadas pela mesma comissão tendo os quais ficarão pertencentes à Câmara todas as dependências do mercado e benfeitorias inerentes, devendo durante este tempo serem observadas todas as posturas municipais;

4.ª — Que durante estes 12 meses as despesas com água, luz e pessoal, sejam por conta da comissão concessionária, devendo o fiscal ser nomeado pela Câmara.

5.ª — Que o respectivo regulamento interno não possa ser observado sem prévia aprovação da Câmara.

O aformoseamento da cidade

O sr. Quirino da Fonseca declarou ter lido na imprensa uma notícia em que se diz que arquitectos e artistas se encontravam altamente melindrados com a atitude da Comissão Administrativa de ouvir o arquitecto francês sr. Forastier sobre o embelezamento da cidade. Não via razões para tais melindres pois se tratava de um arquitecto especializado, isto era, com conhecimentos especiais sobre estética e delineamento de cidades. Não fora ele, orador, o autor da proposta mas com ela estava de acordo pois achava útil que um técnico especializado como era Forastier, que tem percorrido várias capitais, passando por Lisboa, pudesse formar o seu juízo acerca dela e patentear-lhe a opinião daquele técnico podia depois ser apreciada não só pela Comissão Administrativa como pelos arquitectos e artistas portugueses. Não era obrigação seguir o parecer do sr. Forastier que podia ser estudado e criticado. Termina declarando que não havia falta de patriotismo por parte da Comissão Administrativa, devendo até a sua ideia ser bem recebida não só pela população como pelos artistas portugueses.

Praça de automóveis

Pelo sr. Mardel Ferreira foi apresentado o seguinte projecto de postar, que obteve aprovação unânime:

Art. 1.º — Que sejam criadas mais 3 praças para o estacionamento de automóveis nos arruamentos abaixo indicados, que passarão a fazer parte integrante da Postura de 4 de Dezembro findo, publicada por edital de 10 do mesmo mês e ano seguinte a ordem numerada da mesma postura. N.º 36 — Rua Marquês da Fronteira. Na extremidade desta rua confinante com a avenida António Augusto de Aguiar, encostados ao passeio poente e com a frente para o norte, podem estacionar, 8 automóveis. N.º 57 — Avenida Marquês de Tomar e Conde Valbom — a) Nos pontos das 6 praças, com a frente para a avenida João Crisóstomo, 1 automóvel em cada ponto, 6; b) na extremidade da praça da avenida Conde Valbom, lado nascente, confinante com a avenida Duque de Aveia, com a frente para o sul, 2; c) na extremidade da praça da mesma avenida, lado poente, confinante com a avenida Miguel Bombarda, com a frente para o norte, 2; d) Na extremidade da praça da avenida Marquês de Tomar, lado nascente, confinante com a avenida Miguel Bombarda, com a frente para o norte, 2; e) Na extremidade da praça da mesma avenida, lado poente, confinante com a avenida Duque de Aveia, com a frente para o sul, 2. N.º 58 — Largo 20 de Abril, junto ao passeio sul com a frente para o nascente, seis.

Gradeamento da rua das Taipas

O sr. Quirino da Fonseca propôs que seja mandado suprimir o tapume metálico que impede a vista do público sobre a parte da cidade ao longo do gradeamento da rua das Taipas, atenuando a que a comodidade e egoísmo dalguns particulares que residem junto à respectiva muralha se não deve contrapor ao direito a um logradouro público ainda que apenas contemplativo.

Foi aprovado.

Venda ambulante de miudezas

Falando sobre a maneira como é exercido o comércio de miudezas de animais o sr. dr. Filipe Caiola apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

1.ª — Que a venda ambulante das miudezas das rezas abafadas para consumo público dentro de 60 dias a contar da data do edital só seja permitida:

1.ª — Quando transportadas em caixas metálicas ou de madeira, sendo estas forradas interiormente de folha metálica, devendo tanto umas como outras, serem pintadas exteriormente de modo a serem lavadas todos os dias.

2.ª — Que estas caixas sejam fechadas com tampas de rede metálica miúda ou através de orifícios que permitam a sua ventilação mas de molde a proteger o seu conteúdo das poeiras e outras imundícies.

3.ª — Que os animais e seus arreios e veículos empregados no seu transporte se apresentem convenientemente limpos, de modo a dar um conjunto estético que ponha a cobro ao aspecto repugnante que nalguns é notório.

4.ª — Que a falta do cumprimento do disposto seja punida com a multa de 50\$000 a 1.ª vez, 100\$000 na 2.ª e a suspensão da licença deste comércio na 3.ª.

Teatro Apolo
Telef. 3089 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espirotrusa opereta
MOURARIA
em 3 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Leuzer, musicada pelo maestro Filipe Duarte.
Protagonista:
Adelina Fernandes
PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fautenils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00. Geral, 2\$00

Pela "Santa Casa," do Pôrto

Continua a desfiar-se o rosário dos escândalos...

PORTO, 19. — Diziam ontem uma criatura que tem lido as cartas do Pôrto acerca do embroglho da Santa Casa da Misericórdia: «O que você tem dito do Hospital de Santo António não está muito longe da verdade. E digo que não está muito longe da verdade, pela simples razão de que há muito a crescer».

Depois principiou a desfiar certos casos, e entre eles, este que não podemos resistir à tentação de o gravar em letra de forma tipográfica:

«Ele já é vergonhoso o facto do fiscal Mendonça pôr a casa que a Santa Casa lhe dispensa para habitação a render, para seu proveito próprio, com o juro duma pensão sem qualquer direito tributário a pagar à fazenda. Mas o que mais irrita os nervos daqueles que desejam que a Santa Casa seja, de verdade, uma instituição de beneficência para o desgraçados e não um motivo para o governo escandaloso de alguns que, a seu pretexto, vão ganhando exultâncias abdominais e de carteira — é que o arranjinho se extensifica à ordem genealógica do Mendonça num sentido descendente. Eu explico-me melhor: o Hospital Geral de Santo António possui, como toda a cidade sabe, um balneário. Nesse balneário estava empregada uma filha do já célebre fiscal Mendonça. Como o balneário tem as suas receitas e as suas despesas, e, portanto, a sua escrita — deu-se o sinistro de um desfalque de doze mil escudos — sinistro, aliás, originado pela incoerência da dita filha sr. Mendonça...»

«Este desfalque — se se tratasse de um infimo empregado sem protecção, chamariam outros nomes feios, tais como: roubo, lapropheia, gatunismo, etc., — este desfalque foi reconhecido pelos altos poderes da Santíssima Casa da Misericórdia. Mas... como se tratava de quem era... só em cinco mil escudos, sendo perdoados os outros sete mil...»

«Nós tivemos de interromper, aplaudindo, até certo ponto, a generosidade da direcção do hospital:

— Se o hospital pertence a uma Santa Casa de Misericórdia, é um pouco humano e nada extranhável que houvesse um tanto de consideração, de misericórdia, para com as pessoas que, fracas de espírito e acorrentadas pelos mil e um exemplos duma sociedade corrompida pela crápula que é a sua própria essência, a sua mesma razão de existência, cometessem um erro à que o delictório meio social as coagiu...»

O nosso amigo, porém, não gostou da nossa filosofia altruista e contestou-nos: — «Sim, seria um pouco humano e nada extranhável esse perdão, se esta immoralidade e outras de igual estódo não contratassem, flagrantemente, com a enervante desumanidade que, com frequência, se comete contra muitos infelizes que carecem do socorro do hospital da Santa Casa da Misericórdia, mas que são repudiados... com a desculpa de que a Misericórdia, não tendo vida desfogada, precisa da misericórdia do governo, do Estado, das Câmaras, do comércio, da indústria, da finança, do povo...»

Não tivemos remédio senão curvarmos-nos à evidente argumentação do nosso informador, principalmente quando ele nos atormentou com esta descarregada em cheio:

«Existindo assim na Santa Casa uma tal Santa Misericórdia, é também para admirar que o tal fiscal se julgasse no direito de levar, ou mandar levar, por conta do hospital, palha para o ninho dos seus porcos — e de gastar 54 arrobas de carvão saído da cozinha do hospital por intermédio do ex-dispenseiro Mendes...»

A isto opuzemos uma tremenda admiração, custando-nos a acreditar na veracidade de tais acusações. E perguntámos, muito cautelosamente:

«Não haverá um nadinha de exagero em tudo isto, um pouquinho de má língua puxada por qualquer animadversão pessoal?»

Não, não havia — respondeu-nos com um adjuntivo meio firme de cabeça.

E ratificou:

«E' tão exagero o que fica dito, como exagero é, mas em ordem inversa, o facto da carcaça D. Rita, a tal mais-que-tudo do fiscal, obrigar o pessoal feminino a qualquer hora da noite, quando as rondas são mais precisas aos doentes porque há menos movimento nas enfermarias — a levar-lhe leite com café ao seu quarto.

Perdoar-lhe-lamos esta misericórdia, se ela não fosse misericórdia em castigar qualquer empregada que, por momentos e de dia, quando há mais pessoal, se ausente da enfermaria... Então de dia ninguém se pode afastar da enfermaria por algum tempo, e quando se está nas rondas, à noite, pode-se ausentar para chegar ao cafézinho com leite D. Rita? Explique-nos lá isso?»

Nós, é claro, nada podíamos explicar, mas, em compensação, o nosso amigo iludiu-nos ainda mais:

«Não é permitida a entrada a pessoas que tenham doentes na enfermaria n.º 12. No entanto, a enfermeira respectiva, a Pimpalho, autoriza essa entrada mediante a oferta de pescadas inteiras vindas de Ovar, terra da sua naturalidade... E' ou não verdade que se tornam indispensáveis urgentes medidas contra estes abusos, contra aqueles que se julgam senhores absolutos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia em plena conquista ruinosa?»

Nestas condições, acabamos por achar justa uma sindicância em cheio para apuração das responsabilidades — e para a adopção de medidas de pronto saneamento.

Quando virá isso? Entretanto, vamos ao caminho de novos apontamentos. — C

Eden Teatro
Telef. N. 3800
SEXTA-FEIRA, 21, estreia de
2-COMPAÑHIAS-2 e 50-CORISTAS-50
que vão representar a nova revista
DE ENORME EXITO
SEMPRE FIXE
O melhor acontecimento de todos os tempos. Apesar dos enormes encargos, os espectáculos serão por
PREÇOS DE CINEMA
Camarotes e frisas a 27\$50 e 58\$50; «fautenils» de orquestra, 12\$50 e 8\$50; «fautenils», 7\$50; cadeiras, 5\$50; geral numerada e simples, galerias e «promenoir», 3\$50, 2\$50 e 1\$50
SEMPRE SEM LOCAÇÃO

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 8,45 h.
Caloroso sucesso da série de quadros de conjunto

PIM! PAM! PUM!

Magistral desempenho de todos os artistas portugueses e do corpo coral e de baile, sendo estes dirigidos por Mme. Sancha Morgwa.

Misc-en-scene de Henrique Sant'Anna. Indumentária do prof. CASTELO BRANCO

No «écran» — um magnífico filme de arte Concerto pela FOZ MELODY BAND

Dois espectáculos completos — às 3 horas e às 8,45 horas

A BATALHA na provincia e arredores

Trancoso

Exploração infame e revoltante covardia

TRANCOSO, 18. — Através da provincia nota-se uma infamíssima e indescritível exploração.

Nesta terra existe uma cooperativa a que chamam «Cooperativa de Consumo e Previdência Social» que é composta por seis centos de indivíduos que interpretam muito bem o cooperativismo...

Possuem um grande estabelecimento de mercearias, fazendas, calçado, etc., etc. tendo à sua frente um gerente e dois caixeiros.

Não nos foi possível obter informes sobre o ordenado do gerente, nem julgamos nisso qualquer conveniência, porque de certo é simultaneamente patrio.

Todavia soubemos que os dois caixeiros recebem mensalmente 120\$00 sem mais outra remuneração.

E querem saber o horário desses empregados?

Entrada às 8 horas da manhã, meia hora para almoço, outra meia para jantar e saída às 23 ou 24. Porém se o serviço abunda saem às 4 da madrugada para voltarem a entrar às 9 horas.

Se o empregado — como há pouco sucedeu a um — entrar mais tarde um pouco é suspenso três dias e se continuar a infringir o horário cooperativista é despedido.

Este caso porém não é inédito, é geral. E que fazem os empregados no comércio?

Jogam a bola... C.

Cascais

Morte a bordo

CASCAIS, 18. — Arribou hoje à baía de Cascais, o vapor italiano «Providenza», a fim de desembarcar o 1.º oficial Angelo Solavo, que faleceu a bordo, vitimado por uma apoplexia, quando se estava lavando.

O cônsul de Itália dirigiu-se à capitania, tendo sido acompanhado a bordo pelo escrivão sr. Luís Matoso. O óbito foi verificado pelo sub-delegado de saúde, tendo o cadáver dado entrada na casa mortuária, donde amanhã sairá o funeral.

Peixe monstro

Deu hoje à costa, um «alfazê», de grande tamanho, que foi arrastado para terra, acusando o péso de 257 quilos. Este monstro fez correr à praia imensa gente.

Venda de carne

A Câmara mandou afixar um edital, em que obriga todos os proprietários de talhos a fornecer facturas das compras efectuadas pelos consumidores, sendo também pelo mesmo edital, aplicadas multas aos compradores que não exijam as respectivas facturas, para as apresentarem aos fiscais da Câmara.

Leixões

A prisão de José Júlio

LEIXÕES, 19. — Passou quasi completamente despercebida a prisão nesta vila do executor de Sidónio.

Comenta-se um pouco, sim, o facto de um irmão de José Júlio ter contribuído para a sua captura. De facto o papel repugnante de denunciador aumenta ainda com a qualidade de irmão do próprio denunciado! Nos meios políticos rosna-se também que o pseudo-protector de José Júlio cá na vila tem também culpas no cartório.

Lá se arranjam!... Quanto a nós, ainda que repudiando em absoluto a apologia do atentado, não deixamos de constatar que grande alívio sentiu toda a gente desde a morte de Sidónio, visto que a situação por que se passou no tempo desse ditador se modificou rapidamente, dando ocasião a que a talassaria arreganhasse a dentuça e apanhasse a consequente farsa. Infelizmente enquanto houver governos e governados estas situações hão-de repetir-se... estão a repetir-se por mal dos nossos pecados.

Carestia da vida

A carestia sobre espatifosamente dia a dia! O desemprego vai alastrando e as centenas de obras a fazer não têm começo porque... não há verba. Estradas horríveis de transitar — estarão amanhã em cacos se lhes não deitam a mão.

Estética na vila é coisa que abunda, graças ao Senhor! São tantos os postes de telefones, telegráfos e electricidade, que isto até parece uma floresta. Espectáculo variadíssimo.

Paus finos, grossos, verticais, obliquos, em todos os sentidos e direcções! O que há de lindo no artigo Os fios são tantos, tantos, pelos ares, que até parece que nunca devia faltar a luz... mas a verdade é que raras vezes aparece aos «felizes» que a têm em casa!

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4396
Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia alemã
O PÉ DE SALSA
Adaptação dos escritores Bermudez, Bastos e A. Brun

TEATROS

No São Carlos

«Mulher...» de Edmond Guirand, tradução de Feliciano Santos, Arnaldo Brandeiro e Mário Barros

Peça muito interessante «Mulher...» de Edmond Guirand que Feliciano Santos, Arnaldo Brandeiro e Mário Barros traduziram com grande esmero, correcção literária e correspondência idiomática deveras apreciável. É uma obra teatral cheia de sentimento, repleta de humanidade em que o dramaturgo consegue tocar todas as feições do coração, justificando atitudes, rubricando tendências, enfim, explicando as variantes da paixão humana no conceito das suas frases, no traçado das suas cenas.

«Mulher...» em que o título é uma bela síntese, deflém a atenção do espectador menos susceptível de amorismos de todos os dias, de sentimentalidades adstritas à própria natureza humana. Literariamente a obra, se não tem garra, possui no entanto vida, expressão, sensibilidade e sobretudo uma sinceridade de factura e de desenho que a levam a poder ser considerada como das melhores peças estrangeiras que a scena portuguesa tem exibido. A psicologia desta obra não tem, de modo algum, a transcendência de outras em que há estranhas apreciações, inéditos critérios que tantas vezes servem a ensonbar o fio da acção dramática, desmoroando a emoção e adulterando, não raramente, o fim moral que o dramaturgo quer atingir. «Mulher...» é peça para ser vista, e o que é mais, para ser sentida e a sua principal qualidade está em que quem a ouve não se perde em discernimentos difíceis e só, afastado da representação recompõe serenamente a sua contextura moral.

O Teatro de São Carlos abriu mais uma vez as suas portas a uma companhia de declamação. Clemente Pinto, o simpático actor, ilustrado, cuja distinção de homem iguala a finura de artista, tomou sobre os seus ombros a difícil tarefa de dirigir esta empresa teatral em que é a primeira figura feminina Palmira Bastos e a que pertencem nomes como Henrique de Albuquerque, Maria Judice da Costa, Tarquinio Vieira, Fernando de Sousa, Fernando Varela e Alves da Costa. Não admira, pois, que o desempenho da «Mulher...» fosse dos mais homogêneos e correctos a que ultimamente temos assistido em género de declamação.

Palmira Bastos viveu inteiramente o seu papel marcando-o admiravelmente, com observação e sentimento. Clemente Pinto sempre o actor justo de dicção, natural e inteligente. Henrique de Albuquerque consciencioso, conhecedor dos segredos da arte scénica, Fernanda de Sousa, óptimo elemento, aplicada e gentil. Fernando Varela, Tarquinio Vieira e Alves da Costa muito equilibrados. A direcção de António Pinheiro, como sempre, acertadíssima.

Nogueira de BRITO.

A apoteose feita à «Garçonne»

Todas as atitudes hostis que se esboçaram contra a permanência no cartaz do Trindade da grandiosa peça «A Garçonne» se traduziram ontem numa grande apoteose feita à peça na pessoa dos seus tradutores, os jornalistas e escritores Pereira Coelho e Gustavo de Matos Sequeira, com o teatro repleto do melhor público de Lisboa, de cujos aplausos partilharam também todos os intérpretes da primorosa obra de Vitor Marguerite e que são todos os elementos artísticos da Companhia Lucília Simões e Erico Braga. Ficou, portanto «A Garçonne» em condições de redobrar a sua já brilhante carreira no mais elegante teatro da capital, pelo que a empresa deliberou que possam ser vendidos no camaroteiro bilhetes para todos os dias da semana, sem locação a-pesar dos preços serem os mais baratos de Portugal e do triunfo obtido pela «Garçonne», que hoje se repete para garantir mais uma enchente.

A consagração da «Mouraria»

Se há peças consagradas, que o público não esquece, que se não causa de ver, que não deixa, sequer, sair da cartaz, «Mouraria», a opereta do Apolo, o grande sucesso da companhia Almeida Cruz é, além de uma delas, a única que esta época ultrapassou a centena de representações, marcando encontros todas as noites, vista e admirada não apenas pelas classes populares, como indicaria o seu título, invocando um dos bairros pobres de Lisboa, mas pela gente mais distinta, vinda dos pontos aristocráticos da cidade, a tal ponto e em tal quantidade que a rua da Palma chega a encher-se dos mais ricos e mais caros automóveis particulares. «Mouraria», que tão bem fala ao coração da gente portuguesa, por ser de facto uma opereta portuguesa, repete-se esta noite em mais duas sessões, a preços popularíssimos, respectivamente às 8 e 30 e 10 e 30.

O ceu aberto de «O Inferno»

Não nos cansamos de afirmar que «O Inferno», a peça do Variedades, redunha num ceu aberto para o público que aspira legitimamente a curar pelo riso, pela gargalhada e a reconfortante, todos os males de que enferma a humanidade, entre os quais o tédio e o aborrecimento, que geram a neurostenia e a tristeza. Ao lado de Maria Matos, Silvestre Alegria e Henrique Alves, que são nesta peça os «azes» da risota, os três impagáveis cómicos da farça pura e genuína, Maria Lagoa e Beatriz Belmar dão, com a sua mocidade e a sua frescura, um grande realce à desopilante peça, secundados por António Palma, João Lopes e Joaquim Miranda, num trabalho muito correcto e muito afinado e Ruth Marçal, Miquelina Rodrigues e José Cardoso em curtos personagens impredicíveis ao conjunto do já famoso «Inferno», de António Paso e Joaquim Abati.

«Sempre Fixe» no Eden Teatro

Para que nada falte, em atracções, na noite da repartição da Companhia do Eden, da estreia, ali, da Maria Vitória, amanhã, no primeiro destes teatros se realizará a representação da revista «Sempre Fixe», tendo assim ficado resolvido para que ela, logo na sua primeira noite, se apresente com os quadros e números novos, escritos

Teatro da Trindade
TELEF. N. 976
Companhia Lucília Simões-Erico Braga
HOJE, às 9 1/4 da noite, em ponto
Representação da peça em 3 actos e 4 quadros de Victor Marguerite, trad. de Ferreira Coelho e Matos Sequeira:
A GARÇONNE
(LA GARÇONNE)
Monica Lervier, LUCILIA SIMOES
«Nos outros papéis: Amelia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Jaidro, Maria Cristina, Julia Silva, Lidia de Almeida, Joaquim Almada, Samuel Diniz, Mario Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA»
«A Canção das Montanhas» pelo brilhante EUGENIO MATEOS
Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMEDIA

O INFERNO

Notas várias da Lisboa triste

Um tiro misterioso

Deu entrada na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, Joaquim Deodato da Costa, de 19 anos, carpinteiro, natural e residente em Ota (Alenquer) que, quando ontem regressava a casa, foi atingido por um tiro no braço direito, ignorando de onde ele partiu.

Atropelado por automóvel

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e seguiu para casa, José dos Santos, de 43 anos, natural de Lisboa, residente no largo da Penha de França, 115, loja, que foi atropelado por um automóvel, na Avenida Almirante Reis, ficando ferido na cabeça.

Os vencidos da vida

No Banco do Hospital de São José, faleceu ontem de manhã um indivíduo de nome Joaquim Arnaldo de Sousa, de 18 anos, natural do Pôrto e cuja morada se ignora, o qual a madrugada passada tentou suicidar-se, no Campo Grande. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital.

Morte súbita

Na Morgue deu entrada António Felicidade, de 31 anos, marítimo, residente a bordo de um veleiro fundeado em Santo Amaro, o qual ali faleceu subitamente.

Queda a bordo

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e recolheu a bordo, João Gomes, de 39 anos, marítimo, natural e residente no Se

MARCO POSTAL

Rossio de Abrantes.—Secção dos Operários Corticeiros.—Recebemos vale de 28550, tendo ficado paga a assinatura até 31 de Março, p. f.

Table with 3 columns: País, Compra, Venda. Rows include Sobre Londres, cheque; Madrid, cheque; Paris, cheque; Suíça, cheque; Euxéias, cheque; New-York, cheque; Amsterdã, cheque; Itália, cheque; Brasil, cheque; Praga, cheque; Suécia, cheque; Áustria, cheque; Berlim, cheque.

Espectáculos de hoje

TEATROS
Teatro S. Carlos — A's 21 — «A mulher»
Teatro Nacional — A's 21 — «A Justiça»
Teatro S. Luís — A's 21 — «Benamor»
Teatro da Trindade — A's 21, 15 — «A Garçon»
Teatro do Ginásio — A's 21 — «O Caso do Dia» — Conchita Ullia
Teatro Apolo — A's 20, 30 e 22, 30 — «Mouraria»
Teatro Avenida — A's 21, 30 — «O Pé de Sals»
Teatro Variedades — A's 8, 30 e 10, 30 — «O Inferno»
Teatro — 20, 30 e 22, 30 — «Sempre fixe»
Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo
Teatro Sals Foz — A's 20, 30 e 22, 30 — «Pim! Pam! Pum!»
Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades
CINEMAS
Tivoli — Todas as noites animatógrafo. Sessão Olympia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes
Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

A' venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo... \$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforge... \$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva... \$150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar... \$100
A Humanidade, por Taraf Javol... \$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin... \$200
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchet... \$200
Os galos, por Filipe de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série... \$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida... \$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas... \$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Corcica... \$350
A Filologia perante a História, por Nobre Braga... \$500
Tráfego Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho... \$300
O que é o socialismo, por E. Seisson... \$150
Os direitos do Estado, por A. Levisse... \$250
O corpo humano, por A. Levisse... \$250
Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux... \$150
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira... \$200
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira... \$150
O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas... \$350

Horário de trabalho

As disposições legais
A recção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 348, de 1 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avaliado a 150. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade ter-se-á um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Leve o Suplemento de «A Batalha»

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora... 50/100
Sapatos em variz... 50/100
Botas brancas (saída)... 50/100
Grande saída de botas pretas... 50/100
Lotes de cor para homem... 50/100

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucatas de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recbem-se fatos a feito e forros por 120\$00.—ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada EL drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.
O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.
Encadernação (por capas e índice) 20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00.
Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.
Pedidos à administração de A Batalha.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-malthusianas... \$50
O sentido em que somos anarquistas... \$50
A peste religiosa... \$50
A Liberdade... \$50
A Internacional (música e letra)... \$30

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Feie e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 e 4 horas.
Doenças das crianças—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Doença X—Dr. Aluísio Salgueiro—1 hora.
Análises—Dr. Gabriela Beato—1 hora.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA
E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de Novela Social, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

UNIAO
NÃO COMPREM LIMAS OU GROSS sem consultar
a Empresa de Limas União Temé Fátoria, Lda
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala Sô, 9-B
TELEF. N. 3415

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

História Universal del Proletariado

«Vinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.
Cada fascículo de 48 páginas, 1833 pelo correio, registado, 1850.
Estilo publicados os seguintes fascículos:
1.º—«La era de la esclavitud»;
2.º—«La rebelión de Espartaco»;
3.º—«Abolición de la esclavitud»;
4.º—«Abyección y Servidumbre»;
5.º—«La revolución de los siervos»;
6.º—«La miseria de los agricultores»;
7.º—«Transformación del Poder Estatal»;
8.º—«El comunismo cristiano»;
9.º—«Los miserables en la Edad Média»;
10.º—«La libertad insurreccional»;
11.º—«La agonia del absolutismo»;
12.º—«El trabajo motor universal»;
13.º—«El imperio de la guilhotina»;
14.º—«Las ideas sociales y la revolución francesa»;
15.º—«Los primeros tiempos del salariado»;
16.º—«Hospitales, cárceles y asilos»;
17.º—«Las crueldades de la burguesia republicana»;
18.º—«Los héroes de la Comuna»;
19.º—«Horribles matanzas de Comunistas»;
20.º—«La Republica Española y la clase obrera»;
21.º—«La Primera Internacional»;
22.º—«El socialismo ante el Parlamento español»;
23.º—«El futuro obrerista proletizado por Castelar»;
24.º—«Pi y Morgall confunde a los enemigos del socialismo»;
25.º—«Los precursores del Proletariado moderno».

26.º—«Crueldades burguesas»;
27.º—«Los mártires de Chicago»;
28.º—«Muerte heroica de cinco proletarios»;
29.º—«El proletariado en América»;
30.º—«Los dictadores melancólicos».

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro útil às boas donas de Redidos à administração de A Batalha. casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Livraria de A BATALHA

Table with 3 columns: Title, Price, Author. Rows include OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO; Abel Botelho—Amanhã; Alexandre Herculano; Lendas e Narrativas (2 volumes); Cartas (2 volumes); História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.); Adolfo Lima; Contrato do Trabalho; Educação e ensino; O ensino da história; Aquilino Ribeiro; Anatole France; Estrada de São Tiago; Jardim das Tormentas; Vis Simoes; As Filhas da Babilônia; Terras do Demo; Augusto Machado—Impossível redenção (novela); Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados); Bento Faria—Missa nova (teatro em verso); Binet-Sanglé—A loucura de Jesus; Buckner—O homem segundo a ciência; Charles Darwin—Origem das espécies; Campos Lima; O Estado e a evolução do Direito; O Amor e a Vida; Celia dos Pobres; A Revolução em Portugal; Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela); Duarte Lopes—Frel Sangue; Ega de Queiroz; O crime do Padre Amaro; O primo Basilio; O Mandarim; Os Malas (2 vols.); A Reliquia; A Cidade e as Serras; Fradique Mendes; Casas Ramires; Prozas Bárbaras; Ecos de Paris; Cartas Familiares; Cartas de Inglaterra; Minas de Salomão; Notas Contemporâneas; Últimas páginas; Contos; Ernesto Haackel; História da Criação; Origem do Homem; Os enigmas do Universo; Monismo; Religião e evolução; As maravilhas da vida; Faguet—Iniciação filosófica; Iniciação literária; Faria de Vasconcelos; Problemas escolares; Por terras de além mar; Ferreira de Castro; Sangue Negro; Sondas de Lirismo e de Amor; A Peregrina do Mundo Novo; F. Castro e E. Fries—A Boca da Escuridão; Flammarion; Iniciação astronómica; Contos de luar; Como acabou o mundo; Os habitantes dos outros mundos; Felix le Dantec—As influências astrais; Filho de Almeida; Lisboa Galante; Estâncias de Arte e Salidade; Figuras de destaque; Actores e Autores; Contos; A Esquina; Aves Migradoras; Barbear, Pentear; Cidade do Vício; Paquinadas; Pais das Uvas; Salom quanto; Vida trágica; Guerra Junqueiro—A morte de D. João; Musa em férias; Os Simples; A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo); Brochado; Gorki—Os Degenerados; Os Vagabundos; Na Prisão; Ibsen—Espectros; Casa de bonecas; Jacquinot—História Universal, 2 v.; Jaime Cortezão—Adão e Eva (teatro); José Beney—A ciência redentora (novela); Jesus Peloto—O mestre geral (novela); Jorge Teixeira—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro); Iuliano Quintinilha; Visinhos do Mar; Cavagada do Sonho; Terras de Fogo; Dor vitoriosa (novela); Laisant—Iniciação matemática; Malvert—Ciência e Religião; Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela); Anastácio José (idem); Manuel Ribeiro; Poder redentor (novela); Mirbeau—O Jardim dos Suplícios; Nogueira de Brito; I—Memórias de Angela Pinto; Sanguê Fidalgo (novela); Não, diz a Lei (novela); Pargame—Origem da vida; Oliveira Martins; Helenismo e a Civilização Cristã; História da Civilização ibérica; História da República Romana (2 volumes); História de Portugal (2 vols.); Racas Humanas (2 vols.); O Brasil e as Colônias Portuguesas; Cartas Peninsulares; Sistema dos mitos e ficções religiosas; Orlando Marçal; Águas claras; Imagens de Sonho; Raul Brandão; Os Pescadores; Os Pobres; O Teatro; Spencer—Da Educação (br. \$500) enc.; Sobral de Campos—Dois tiros (novela); Tolstol—A sonata de Kreutzer; Ana Karenine (3 vols.); Toulouse—Como se deve educar o espírito; Wenceslau de Moraes; Dai-Nippon; Victor Hugo; França e Bélgica; O Reno (2 vols.); Os Miseráveis (2 grossos vols.) ilustrados, encadernados; Zola; A Taberna; Teresa Raquin; Alegria de viver (2 vols.); A conquista de Plassans, (2 vols.); Fecundidade; A fortuna dos Rougons, (2 vols.); Uma página de amor; Dr. Pascal; FOLHETOS; Eliseu Reclus—Anarquia e a igreja; A Evolução legal e a anarquia; Gonçalves Correla—A Felicidade dos tempos os seres na Sociedade; Futura; José Frat—A burguesia e o proletariado; A necessidade da Associação; Content—Contra o confucionismo; Alfredo Neves Dias—Razão (poema social); Ernesto da Silva—Teatro livre 3; Arte Social; Landauer—Social Democracia; R. Meia—O princípio do fim; A maçonaria e o proletariado; J. Most—Peste religiosa; João P. do Rio; Definições sociais; Horas anarquistas (versos); Trovas da Noite; Roberto, o pescador; Memórias do Parque de São João do Forte; Carnet de Pensamentos; J. Bakunine—O sentido em que somos anarquistas; Chueca—Como não ser anarquista; Lazare—A Liberdade; B. Etrivant—A minha defesa; J. Kropotkin; Os bastiões da guerra; Moral anarquista; O espírito revolucionário; O estado e o seu papel histórico; J. Guedes—Lei dos Salários; Briand—A greve geral; Roland—Rússia Nova; O socialismo e os intelectuais; D. Carvalho—A revolução sindical no período revolucionário; A. Hamon—A crise do socialismo; J. Santos—A transformação da sociedade; Neno Vasco; Greve de inquilinos, teatro; Proletariado Histórico; G. Archinof—A Revolução social e o Sindicalismo; Carlos Rates—Aditadura do proletariado; Emilio Chapellier—Porque não creio em Deus; Rodolfo Rocker—O sindicalismo revolucionário e a organização operária.

esposa deve ter-lhe mandado dizer quanto me interessasse por tudo o que dizia respeito ao meu amigo, desde a sua partida para o exército.
—Muitas vezes minha mulher me deu parte dos favores de que lhe somos devedores; e eu sei também que, graças à sua intervenção, o cidadão Humberto, irmão de minha sogra, está esquecido na prisão dos Carmelitas, onde há muito tempo se acha detido... Graças a si, já a vida dele não corre perigo.
—Ponto nesse assunto, meu amigo!—replicou Billaud-Varenne, meio sério, meio sorrindo. Não desperde no meu espírito o remorso duma injustiça: o cidadão Humberto foi, e é sempre um inimigo da República; e não devia ser poupado. O meu dever era fazer-lhe cair a cabeça.
A 8 do Thermidor do ano II da República (26 de julho de 1794), trinta e nove dias depois da visita de Billaud-Varenne a João Lebrenn, passava-se a cena seguinte, perto das oito horas da noite, em casa do advogado Desmarais. So, no seu salão, o advogado ora passeava agitado, ora se sentava, pensativo, com a cabeça encostada nas mãos. As angústias, os terrores que incessantemente atormentavam este hipócrita brancaram-lhe os cabelos em dois enos; as suas feições, lividas e biliosas, revelavam-lhe as torturas da alma; ele acabava de sentar-se, murmurando:
—Não tardam! Semelhante reunião em minha casa! Tremo só em pensar que, se Robespierre triunfar, posso amanhã ser enviado à guilhotina. Malditas sejam a minha mulher e a minha filha!... Mas que vergonhosa fraqueza a minha!... Não se passa um dia sem que eu tenha satiedade dessas indignas criaturas! Eu sentia-me tão feliz com a vida em família! Eu era amigo da minha filha, e ainda o sou, tanto quanto se pode sê-lo duma criatura neste mundo. De que ternura, de que solicitude ela havia de rodear a minha velhice! Eu sentia-me consolado, e reconfortado, porque não teria segredos para a minha filha, e as suas confidências alegrar-me-iam o espírito. Meu Deus! como sou desgraçado!
Após esta exclamação, o advogado Desmarais ficou por muito tempo silencioso e triste; depois, levantando-se de repente, exclamou:
—Infame Lebrenn! foi ele o causador de todos os meus males. Veio trazer a perturbação à minha casa. O monólogo do advogado foi interrompido pela aparição da criada anunciando que estavam lá fora uns cidadãos que lhe queriam falar.
—Mande entrar esses cidadãos!—disse Desmarais à criada, que saiu logo. O diabo leve o Fouché, que foi quem teve a ideia de escolher a minha casa para a reunião dos seus amigos. Quem me dera poder declinar esta perigosa honra!
Pouco depois eram introduzidos no salão os convencionais Tallien, Durand-Mailane e Fouché; acompanhava-os o reverendo padre Morlet. Os três representantes do povo pertenciam aos partidos ligados contra Robespierre. Durand-Mailane pertencia à direita—lado realista—da assembleia; Tallien era da Montanha, e Fouché, ex-frade do Oratório, era terrorista. Não se pode imaginar um semblante mais ignóbil que o de Fouché. Esse rosto patibular, com cabelos loiros e lisos, revelava os vícios, a perfídia, a baixeza e a mais completa crueldade. Um cinico sorriso lhe contraia os lábios. Foi ele o primeiro a aparecer no salão do advogado e a dizer-lhe, indicando o jesuíta Morlet:
—Cidadão colega, aqui te apresento um ex-padre, o reverendo Morlet; ele era, como eu também, da Companhia de Jesus, e da Ordem do Oratório.
—Mas, respondeu o advogado muito inquieto, o assunto da conferência que nos reúne aqui não deve ser discutido diante de testemunhas.
—O reverendo é dos nossos—respondeu Fouché; chegou de Londres e traz-nos preciosas informações. E pela sua discrição responde-nos com a cabeça: é padre refractário. Agora tratemos dos nossos negócios.

Fouché, Durand-Mailane, Tallien, o abade Morlet e Desmarais sentaram-se à roda duma mesa redonda. Abriu-se a sessão, sendo dada a presidência ao advogado Desmarais.
Durand-Mailane—Peço a palavra para precisar a questão e estabelecer em que condições, em nome da direita da assembleia, lhes trago a certeza do concurso dos meus amigos políticos:—realistas, clericais e conservadores.
Desmarais—Tem a palavra.
Durand-Mailane—Senhores: ninguém ignora que, ao apresentar à Convenção, há seis semanas, a lei prairial, Robespierre esperava obter, para a Junta de Salvação Pública, o direito de decretar a acusação dos representantes do povo sem consultar a assembleia; donde se segue que, mediante as assinaturas de Saint Just e de Couthon, com que ele conta, Robespierre podia enviar ao tribunal revolucionário, e depois à guilhotina, todos os convencionais de quem se quisesse desfazer. Esta lei visava principalmente os terroristas; depois chegaria a vez dos outros partidos.
—Trata-se de examinar e discutir entre nós as passagens mais significativas do discurso pronunciado hoje por ele na Convenção, para resolvermos o que convém fazer, a fim de atenuar-lhe os efeitos e conjurarmos o perigo que nos ameaça. Eis os pontos principais desse discurso.
(Tirou da algibeira um papel e leu).
A contra-revolução tem o seu péso na nossa política. Os conspiradores precipitaram-nos contra a vontade nas medidas violentas que só os seus crimes tornaram necessárias. Este sistema era a obra do estrangeiro, que o propôs pelo órgão venal de Chabot, de Lhuillier, de Hébert e de muitos outros sclerados. São precisos todos os esforços dum grande génio para trazer a República a um regime neutral e moderado; esta obra ainda não está começada. Se deixarmos a sota ainda por um instante as rédeas da Revolução, veremos apoderar-se dela o despotismo militar, que hi de

derrubar a representação nacional aviltada; um século de guerras civis e calamidades há de desolar a nossa pátria, e nós morreremos por não termos querido aproveitar o momento marcado na história dos homens para a fundação da liberdade. A pátria ficará entregue a calamidades sem número, e as maldições do povo cairão sobre nós, maculando a nossa memória que devia ser querida do género humano.
Em conclusão: Que fazemos nós? O nosso dever. Que se pode objectar a quem quere dizer a verdade e por ela se deixa matar? Digamos que há uma conspiração contra a liberdade pública, que essa conspiração deve a sua força a uma coligação criminosa que existe mesmo no seio da Convenção; que essa coligação tem cúmplices na Junta de Segurança Geral, onde domina; que os inimigos da República opuzeram esta Junta à de Salvação Pública, e constituíram assim dois governos; que alguns membros da Junta de Salvação Pública entram na conspiração; que a coligação assim formada quere deitar a perder a pátria e os patriotas. Qual é o remédio para este mal? E' punir os traidores, eleger nova Junta de Segurança Geral e subordiná-la à de Salvação Pública, e expurgar esta mesma Junta; constituir a unidade do governo sob a autoridade do governo supremo da Convenção Nacional, que é o centro e o juiz, e colocar assim todas as facções sob o péso da autoridade nacional, para dar força invencível à justiça e à liberdade; tais são os princípios. Se é impossível reclamar isto sem passar por ambicioso, concluirei que os princípios estão proscritos, que reina a tirania entre nós, mas que não devo ficar em silêncio; porque nada se pode observar a um homem que tem razão e que sabe morrer pelo seu país. Eu nasci para combater o crime, e não para o dirigir. Ainda não chegámos ao tempo em que os homens honestos possam impunemente servir a pátria. Enquanto existir a horda dos tratantes e dos sclerados, os defensores da liberdade hão de ser proscritos sempre.



HISTORIANDO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

O sindicalismo, verdadeiramente, é apenas um nome novo para uma tática à qual recorriam há muito com proveito os trabalhadores britânicos — a luta directa do Trabalho contra o Capital no campo económico. Tal luta era a sua arma favorita; e num anterior artigo indicou-se que já na «primeira metade do século passado, obtiveram os trabalhadores ingleses, sem possuir o direito de voto, grandes vantagens económicas, criando uma poderosa organização operária e forçaram até as classes dirigentes a reconhecer, numa legislação do trabalho (1869-76) as suas reivindicações, incluindo uma larga liberdade política.

A luta directa no campo económico mostrou assim ser uma arma eficaz para obter tanto resultados económicos como algumas concessões políticas.

Esta ideia era tão forte na Inglaterra que já em 1830-31 Roberto Owen tentava fundar uma «União Nacional de Ofícios» e uma organização internacional do Trabalho para a luta directa contra o Capital. Só as ferozes perseguições do governo britânico o forçaram a abandonar esta ideia.

Veu então o movimento cartista, que aproveitou as largamente espalhadas e poderosas organizações operárias, em parte secretas, para obter algumas concessões políticas substanciais. E os trabalhadores britânicos receberam a sua primeira lição política: em breve viram que, embora corajosamente mantivessem a agitação política, esta agitação não lhes dava vantagens económicas. Só lhes foram dadas as que eles próprios impuseram aos seus patrões e legisladores por meio de greves e revoltas. Viram quando ilusório era confiar no Parlamento para qualquer melhoramento sério das suas condições.

A mesma conclusão chegaram exactamente os trabalhadores franceses. A revolução de 1848, que deu à França uma república, convenceu-os da inteira ineficácia da agitação política, e até das vitórias políticas, para levar a cabo qualquer mudança vital nas condições do trabalho, se os próprios trabalhadores não estivessem preparados para as impor aos ricos pela acção directa.

Deu-lhes ainda outra lição. Os trabalhadores franceses verificaram como eram inteiramente incapazes os seus chefes intelectuais, quando tiveram de buscar as novas formas que a produção industrial devia tomar na sociedade, de modo a dar ao Trabalho o que é devido e a pôr termo à exploração dos trabalhadores pelos capitalistas. Tanto na Comissão do Luxemburgo, que funcionou para esse fim particular em Abril, Maio e Junho de 1848, como na Câmara eleita em 1849, onde tiveram assento mais de cem deputados, «social democráticos», viram os trabalhadores esta incapacidade dos chefes. Compreenderam assim que os próprios trabalhadores é que têm de elaborar as linhas principais que a Revolução Social há-de tomar para ser prática e frutífera.

A luta directa do Trabalho contra o Capital e a necessidade para os trabalhadores de elaborarem, eles próprios, as novas formas que deve tomar uma organização sem exploração capitalista — tais foram, pois, as duas grandes lições que os trabalhadores receberam, especialmente nos dois países mais avançados no seu desenvolvimento industrial.

Por consequência, quando em 1864-66 foi enfim realizada a velha ideia de Roberto Owen, formando-se uma organização internacional operária, a nova organização inspirou-se nestes dois princípios fundamentais. Quando a Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada em Londres pelos representantes dos trade-unionists ingleses e por trabalhadores franceses — sobretudo adeptos de Proudhon — a Associação proclamou altamente que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores; e que daí para o futuro tencionava combater os capitalistas por meio de colossais greves, internacionalmente apoiadas.

Assim, os dois primeiros actos da Internacional, que produziram tremenda sensação na Europa e inspiraram um salutar receio nas classes médias, foram duas grandes greves: uma em Paris, amparada pelas

uniões de ofício inglesas, e outra em Ginebra, na construção civil, auxiliada pelos trabalhadores britânicos e franceses.

Pior ainda. Os trabalhadores, nos Congressos da Internacional, já não discutiam as bagatelas com que as nações são entretidas pelos seus governantes nas instituições representativas. Discutiam a questão fundamental de uma reconstrução revolucionária da sociedade, e lançavam a ideia de depois se mostrarem tão fecunda — a ideia de uma Greve Geral. Quanto à forma política que uma sociedade reorganizada por uma revolução social podia tomar, as federações latinas da Internacional romperam abertamente com a ideia de um Estado centralizado. Pronunciaram-se claramente em favor de uma organização baseada na federação de livres comunas e de territórios agrícolas, desembrançando-se da exploração capitalista e federando-se para constituir mais largas unidades territoriais e nacionais.

Os dois princípios basilares do sindicalismo moderno — a «acção directa», como se diz agora, e a elaboração de novas formas de vida social baseada na federação das associações de trabalhadores — esses dois princípios foram de começo os princípios capitais da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Contudo, já então havia dentro da Associação, relativamente à acção política, duas correntes diferentes, que dividiam os trabalhadores de diversas nações: a corrente latina e a corrente germânica.

Os franceses da Internacional eram sobretudo seguidores de Proudhon, e a ideia fundamental de Proudhon era:

Desembrançar-vos da presente organização do Estado burguês e colocai no seu lugar a vossa própria organização de uniões de trabalhadores, que organizarão directamente tudo o que é substancial na sociedade. A produção de tudo que é necessário à vida, a troca equitativa de todos os produtos do trabalho humano, a distribuição e consumo do que foi produzido — tudo isso sois vós, trabalhadores, que o deveis organizar. E se de facto o organizardes, vereis então que bem pouca coisa ficará para o Estado. Produção de tudo que é preciso, troca equitativa de produtos, consumo equitativo dos mesmos — são problemas do Trabalho, que só vós podeis resolver. E se os resolveis — que resta aos vossos actuais governantes e à sua jerarquia de funcionários que constitui o Estado? Nada que não possam vós mesmos organizar.

Mas entre os fundadores franceses da Internacional havia também homens que tinham combatido pela República e pela Comuna. Compreenderam que a acção política não deve ser ignorada: que não é indiferente aos proletários o estarem em monarquia, república ou comuna. Sabiam por experiência própria que o triunfo dos conservadores, ou dos imperialistas, significa um movimento de recuo em todas as direcções e um enorme dispêndio de energia por parte dos trabalhadores para combater a política capitalista agressiva (como as decisões de Taff Vale ou de Osborne, que ultimamente tivemos em Inglaterra). Não eram indiferentes à política; mas recusaram ver na agitação eleitoral, nos triunfos eleitorais e no vaivém dos partidos políticos um instrumento para emancipação do Trabalho.

Nesta conformidade, os trabalhadores franceses, italianos e espanhóis concordaram em pôr nos estatutos estas palavras: «Toda e qualquer acção política deve ser subordinada à acção económica.» Quanto aos trabalhadores ingleses, havia entre eles muitos cartistas que tinham vivido as lutas políticas. E os alemães não tinham tido ainda a experiência de duas repúblicas como os franceses. Depositavam fé no esperado parlamento do futuro Império Alemão. O próprio Lassalle pagara — sabe-se agora — tributo à alga que é um imperador socialista dessa Alemanha Unida que ele via preparar-se.

Por consequência, nem os ingleses nem os alemães queriam inteiramente romper com a acção parlamentar; ainda nela tinham fé, e puseram no texto inglês e alemão dos mesmos estatutos: «Qualquer acção política deve ser subordinada à acção económica como um meio.»

Reapareceu assim a velha ideia de confiar nos parlamentos burgueses!

Pedro KRAPOTKINE

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Os ferroviários do Sul e Sueste, numa imponente assembleia magna, tomam importantes resoluções sobre o arrendamento dos mesmos

Reúniram ontem em assembleia magna os ferroviários do Sul e Sueste, para resolverem sobre a questão palpitante do arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado.

Fez-se representar o Minho e Douro e a assembleia esteve bastante concorrida. Fiziram uso da palavra diversos oradores, que, numa forma geral e com completo aplauso da assembleia, se referiram à forma como o Estado quer entregar os Caminhos de Ferro a uma companhia verdadeiramente falida.

Adriano Monteiro do Minho e Douro, com grande argumentação, refere-se ao material da C. P. que se encontra no último estado de conservação e à maneira como decorrem os serviços de transportes, que muito deixam a desejar, à excepção dos serviços Lisboa—Pórtio—Rápido.

Em todas as outras linhas não se nota a técnica tão apregoada. Essa técnica existe, ainda que lhes não convenha reconhecê-la, nas linhas do Estado e desejaria ver a C. P. pôr em circulação em 24 horas, em via única, 100 comboios, como sucede em qualquer das redes do Estado.

Despotismo e não disciplina

Na C. P. não há disciplina, mas sim o terror, o despotismo. Regime de latência e de calote, aonde está a sua administração?

Onde está esse material que dizem possuir? Para fazerem o seu tráfego têm permanentemente retidos nas suas linhas aproximadamente 500 vagões das duas redes do Estado. E' isto administração, é isto companhia próspera?

Só de mãos beijadas e para salvar uma companhia agonizante, devedora de muitos milhares de contos ao Estado, se pode conceber a entrega tal qual se projecta.

Os ferroviários do Estado não podem calar-se perante o que se pretende fazer.

A situação do pessoal

E' necessário não esquecer que além de tudo quanto tem afirmado, sem receio de desmentido, os ferroviários, na sua maioria, serão atirados para a miséria e o que ficarão nenhuma regalia e direitos, até hoje conquistados, usufruídos.

E' necessário ponderar tudo isso e conscientemente resolver a atitude a tomar.

No meio de grande entusiasmo foi também ouvido o secretário geral que dum forma alevantada pôs a questão em debate.

O ponto de vista da classe

Deirantemente foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que se aproxima a hora de ser tornado em facto, para nós, ferroviá-

O trabalho dos mineiros

O trabalho dos mineiros, é um trabalho duro, aborrecido, esmagador. Trabalho de forçados.

Primitivamente, nas minas, trabalhavam os escravos condenados às penas mais severas. Depois, foram os forçados que nas entranchas da Terra arrancavam a estas as suas vísceras de metal. Agora são os mineiros os que efectuem este labor.

Quando admiramos o belo poente pendendo no abismo dos mares, o galhardo navio que sulca os mares, o aeroplano que voa no azul, a locomotiva que galga as distâncias compreendemos e amamos a santa lei do Trabalho, supremo criador de quanto existe. Mas quando descemos ao fundo da mina e contemplamos o mineiro semi-nu, banhado em suor, em doloroso esforço muscular, lutando heroicamente para extrair o duro metal do inferno tenebroso do sub-solo e apreciarmos depois o desprezo profundo que inspira este tóxico humano, odiados com toda a nossa alma essa lei vital, o trabalho toma a nossos olhos o carácter de castigo, e vemos marcado o sinal inconfundível da degradação na fronte do que trabalha.

Não vê nunca o Sol o mineiro.

Quando a manhã aponta com o seu sorriso de Luz das bandas do oriente, a branca serena da mina chama-o à faina. Levanta-se da dura cama, bebe dum só trago o copo de aguardente e dirige-se à boca da mina, tossindo e deixando no pedregoso caminho, escarros repugnantes e sanguinolentos. Dá a sua batalha diária e se uma pedra o não esmagar regressa a casa depois de ancoacear.

Seus filhos apenas o conhecem. Só o vêem de longe em longe.

Quando vai para a mina ainda estão dormindo, e quando regressa ainda estão adormecidos. Só no estio pode o pobre pária gozar do amor e dos sorrisos de seus pequeninos, mas não tem apêgo à casa, donde foge insistentemente. E' verdade que a sua casinha não é muito agradável. A miséria vive ali como peixe na água. E também a falta de aseo. Os pequeninos, cobertos de andoraios e páldios, quando não gritam como endemoninhados, choram demasiadamente.

A mulher, quando não briga, murmura ou lamenta-se. Assim a vida de estes homens não possui cambiantes. A mina, para sua sorte durante um dia grande como uma eternidade. A casa, para cair pela noite como um morto sobre o duro enxergo e reparar as forças perdidas; os escassos momentos de ócio, para embrutecer-se e degradar-se na taberna.

E sempre assim, até que piedosa, a morte o liberta da carga da vida.

A natureza do trabalho que realiza não é para descrever-se. Bastará dizer que o mineiro não é homem aos trinta anos; que a mina, Moloch insaciável, o vai devorando pouco a pouco, com cruel refinamento, que o rude labor o extenua, o assassina sem caridade.

Todos os trabalhos que se executam na mina são insuportáveis, desde o que desempenha o rapaz, até ao que efectua o ancião.

As fainas menos pesadas, estão a cargo dos inválidos que aqui formam legião.

Em parte alguma se vêem mais côxos e mancos que nas minas, e em parte alguma se vêem tampouco maiores injustiças.

H. NOVA RUIZ

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ardeola» são hoje expedidas malas postais para a África Austral, Cop-Town, Elisabeth (ville) e Africa Oriental, sendo a Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências ordinárias à 1 hora da tarde, recebendo-se os registos até às 11 horas da manhã.

SOCIEDADES DE RECREIO

Associação de Jardins-Escolas João de Deus.—No próximo domingo, 23 do corrente, às 14.30 horas, reúne a assembleia geral desta colectividade, em segunda convocação, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte: 1.º Discussão e aprovação do relatório e contas da gerência do ano social findo; 2.º Eleição dos corpos gerentes; 3.º Decisão sobre a manutenção dos Jardins-Escolas João de Deus.

rios, um dos maiores erros cometidos que é o arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado, a companhias ou empresas particulares;

«que esse gesto resulta da campanha surda que de há anos se vinha movendo contra os ferroviários, não só por certa imprensa como pelos políticos das várias «manças», que vian nas prosperidades dos Caminhos de Ferro do Estado um aperitivo para as suas ambições; que os ferroviários nunca alardeando patriotismo colocam-se neste acto de arrendamento em desacôrdo com a sua efectivação, não só por tal acto ser prejudicial aos interesses do Estado, como nocivo aos interesses de toda a classe ferroviária e do público, visto que os Caminhos de Ferro não melhorarão por isso, e o público não ficará melhor servido;

Os ferroviários, reunidos em Assembleia Magna, resolvem:

1.º Levantar o seu protesto na imprensa, enviando esta moção a todos os jornais diários de Lisboa e Pórtio, pedindo a sua publicação;

2.º Enviar ao Minho e Douro esta moção e dar conhecimento de todas as resoluções tomadas nesta Assembleia;

3.º Aguardar a atitude do governo e tomar as resoluções que as circunstâncias exigirem, devendo esta Assembleia marcar a sua posição em face do arrendamento e indicar o caminho a seguir.—A Comissão Administrativa.

Ao apoio à Comissão Administrativa

Foi também aprovado este documento:

«Os ferroviários do Sul e Sueste, reunidos em Assembleia Magna na sua sede sindical, resolvem dar todo o seu apoio à moção apresentada pela Comissão Administrativa, dando a esta plenos poderes para agir conforme as circunstâncias aconselharem».—C

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

Os Estados Unidos fazem uma variante na

questão de Nicaragua

As potências intrusas buscam angustiosamente uma saída

airosa na guerra da China

A situação em Nicaragua modificou-se nos seus aspectos, embora não tenha desaparecido o *casus belli*. Uma combinação política fez cessar a luta armada, transferindo o dissídio para o campo político. As últimas informações dizem o seguinte:

O chefe liberal, sr. Sacasa, para evitar que a intervenção dos Estados Unidos provoque a perda da independência do seu país, deu por findas as hostilidades, continuando, porém, senhor das zonas ocupadas pelas suas forças. Por seu lado as tropas governamentais têm-se absteído de atacar os revolucionários, dizendo-se que o presidente Díaz está disposto a dar participação no governo aos liberais, mediante a próxima realização de um plebiscito à nação.

A pesar de não ter sido aceita pelo general Díaz a arbitragem da Costa Rica, parece confirmar-se que a Guatemala tinha a intenção de propor aos chefes das duas facções nicaraguenses a mediação dos países da América Central. Em face da pacificação, pelo menos aparente, da Nicarágua é possível que essa diligência se não realize. Ela, porém, será um facto se as hostilidades recomencem. Em todos os países sul-americanos continua a manifestar-se vibrante o protesto contra a intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua. O comité latino-americano, de Buenos Aires, vai organizar uma campanha no sentido da defesa da independência dos povos da América Latina contra a acção da América do Norte.

Informações antecedentes já deixavam prever uma modificação na atitude dos Estados Unidos, a qual provocara os gerais protestos da denominada América Latina, em cuja vanguarda se colocaram os estados de México e Argentina. Diz-se que o sr. Kullog, o homem que empurrava a questão de Nicaragua para um terreno belicoso, vai demitir-se do seu cargo de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, o que significaria o cheque, aliás, pouco decisivo, da política imperialista dos Estados Unidos.

O presidente Coolidge parece disposto a aceitar a mediação da Costa Rica na questão de Nicaragua. O liberal Sacasa não recusou essa mediação e só o conservador Díaz teima em se mostrar intransigente.

Vê-se que a hostilidade, mais ou menos ostensiva, das repúblicas americanas levaram os Estados Unidos a uma política mais prudente. As ameaças de guerra afastaram-se um pouco, mas o choque das rivalidades vai continuar, pois a Argentina não deixa de aumentar o seu poder militar, sonhando a hegemonia na América do Sul, e o México não abandonará a sua política nacionalista que muito favorecerá a consolidação de uma nova burguesia.

Uma opinião de Waleffe que vale zero

PARIS, 20.—O sr. De Waleffe, no *Paris Midi*, referindo-se à morte da ex-imperatriz Carlota, lamenta a irrealização do império mexicano, que teria alterado profundamente o actual equilíbrio forçado das forças americanas. De Waleffe acrescenta: «Não podemos, contudo, ficar indiferentes à resistência da barragem mexicana, sem a qual toda a América do sul teria sido exterminada pela onda anglo-saxónica, sob a qual desaparecerá a juventude das novas raças latinas».—(L)

Acabando a conversa

NEW YORK, 20.—Segundo se afirma o governo mexicano deliberou suspender as controvérsias sobre os campos petrolíferos.—(L)

A arbitragem agrava a questão

NEW YORK, 20.—O endosso pelo secretário para os negócios estrangeiros sr. Kellogg, da resolução do senado propondo a arbitragem nas disputas territoriais e petrolíferas, tornou mais tensas as relações com o México. A especulação encontra-se agora em qual das duas partes deverá ser a primeira a formalmente propor a arbitragem.—(L)

A guerra nacionalista na China

As potências preparam-se contra o exército cantonense

Não cessa a luta dos chineses pela sua integridade nacional. Quanto represente intrmissão do estrangeiro na vida chinesa é destruído com fúria sectária.

As igrejas e os institutos religiosos de franceses, ingleses, americanos e espanhóis, têm caído sob a rajada de destruição. Curioso notar que as vidas dos estrangeiros não têm sido alvo das violências dos insurrectos e que os inimigos desarmados e pacíficos nem entrave deparam na sua fuga até os lugares seguros, que quasi sempre são os navios de guerra.

A tomada de Ning-Po pelos inimigos de Cantão animou mais os estrangeiros, que julgam mais afastada a hipótese da conquista de Xangai pelos cantonenses. Contudo, seguem mais navios para as águas chinesas. O general Shang Lien, que domina na Manchuria, afirmou-se disposto a juntar-se ao exército cantonense se os ingleses atacarem Hankau.

O governo inglês não confia na boa sorte das concessões estrangeiras de Xangai, propugnando que a sua defesa se faça a todo o custo. Os franceses parecem ser de opinião igual, pois, andam fortificando activamente a sua concessão. Os japoneses andam palitando a situação, pendendo já para a defesa das concessões estrangeiras de Xangai.

A verdadeira causa da guerra

NEW YORK, 20.—Segundo informações do departamento dos negócios estrangeiros, encontram-se presentemente na China 12.000 americanos, além de 1.500 homens e 2.500 mulheres missionários, e metade das firmas que negociam na China encontram-se instaladas em Xangai. Além dos bens

personais, os capitais americanos empregados na China elevam-se a 14 milhões esterlinos, representando 6 milhões o valor de terrenos e propriedades.—(L)

A França vigia...

PARIS, 20.—O sr. Briand no seu discurso na Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara, declarou que a França segue os acontecimentos na China, com uma política de vigilância e prudência destinada a salvaguardar os interesses franceses no Extremo Oriente.—(H)

Fala-se de assaltos

HONG-KONG, 20.—Trinta missionários franceses, italianos e americanos, vindos da província de Fu-Kion, confirmam os assaltos às propriedades das missões e o rapto de mais de 200 órfãos, sob o pretexto de que eram maltratados.—(L)

O que a Bélgica evacua

BRUXELAS, 20.—Segundo uma nota oficial, a Bélgica evacua uma concessão de Tian-Tsin, abandonou apenas os direitos de soberania, mas não os de propriedade.—(L)

Os inevitáveis aventureiros

NEW YORK, 20.—Os contingentes de marinheiros aquartelados em San Diogo e Guan ofereceram-se ao governo para partir para a China se fôr necessário.—(L)

A acção reformista

XANGAI, 20.—As organizações operárias apresentaram agora as reclamações às firmas inglesas, exigindo um aumento de salário e uma participação nos lucros, que vai de oito a dez por cento.—(L)

O governo de Cantão

XANGAI, 20.—Segundo notícias recebidas nesta cidade o governo de Cantão tencionava transferir a sua sede para Nanking.—(L)

Diversas notícias

Noventa e seis pessoas mortas pelo frio!

PARIS, 20.—O jornal *Le Matin* é informado de Moscóvia que dois comboios ficaram bloqueados pela neve na região de Samara tendo morrido de frio 96 passageiros.—(H)

As viagens aéreas

BERLIM, 20.—Dois aviões de construção alemã tentaram brevemente, o primeiro a viagem Hamburgo, Londres, Islandia, New York; o segundo o trajecto Ginebra, Marselha, Barcelona, Madrid, Dakar, America do Sul. Se a experiência der bom resultado, a exploração destas duas carreiras será iniciada em 1928.—(L)

A política alemã

BERLIM, 20.—Em consequência da atitude tomada pelo partido do centro, os populares estão examinando a eventualidade duma colaboração nacionalista. A acção democrata protestou novamente contra a ingerência do sr. Geseler, ex-ministro da «reichwehr» nos domínios da política.—(L)

Os homens da ordem

NUREMBERG, 20.—No conselho municipal desta cidade ocorreram ontem violentos incidentes. O sr. Hold foi insultado e agredido pelos sociais-democratas.—(L)

Ratos que parecem moagelors

NEW YORK, 20.—Dizem de Bakerville, na California, que o exército de ratos emigrados dos vizinhos campos cerealíferos à procura de alimentos movem-se através da região em tal número que tem perturbado o trânsito. As autoridades deliberaram empregar gases venenosos para os dizimar.—(L)

Tratados de guerra

PARIS, 20.—O jornal oficial publicou o tratado franco-romeno assinado pelos srs. Briand e Diamandy. O tratado, elaborado em conformidade com os princípios do protocolo da Sociedade das Nações, comporta uma aliança defensiva e um pacto de não agressão, contendo um protocolo adicional, e uma convenção de arbitragem. O protocolo adicional é consagrado ao compromisso dum permanente vigilância da Rússia.—(L)

Muito dinheiro e nenhum senso

BERLIM, 20.—Faleceu hoje na sua casa da Bavaria o opulento proprietário Frankenberg, que se casou 120 vezes. Frankenberg teve altas aventuras na Espanha, seguindo depois para a America onde serviu o exército durante quatro anos, e depois deu a volta ao mundo dando como secretário dum milionário americano.—(L)

INSTRUÇÃO

Missão de estudo

O professor e reitor do liceu de Setúbal, sr. José Guerreiro Murta, foi incumbido de, em missão gratuita de serviço público e sem prejuízo dos seus vencimentos, estudar a organização do ensino de línguas nos liceus de Paris, comissão que não terá duração superior a dois meses.

Nomeações

Foi para o «Diário do Governo» a nomeação de professores provisórios dos liceus de Leiria e Evora.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho geral

Reúne-se hoje, às 21 horas, para apreciar os trabalhos respeitantes ao problema da unidade sindical, devendo comparecer todos os delegados, dando a transcendência do assunto.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação Metalúrgica.—Pelas 20,30 horas, o Conselho Federal, para prosseguimento da ordem de trabalhos do conselho pretérito.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Pelas 21 horas, a Assembleia Geral com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de corpos administrativos e da comissão revisora de contas.

Federação do Ramo da Alimentação.—Para tratar de assuntos inadiáveis, a comissão executiva, pelas 20 horas, pedindo-se a comparencia de todos os membros da mesma comissão, atenta a importância dos assuntos a resolver.

S. U. C. C.—Comissão do aniversário do Sindicato.—Pelas 20 horas a comissão para tratar dum assunto importante, que se prende com a festa do aniversário do Sindicato. E' conveniente a comparencia de todos os componentes.

Secção de Belém.—Pelas 20 horas, a nova comissão administrativa para tratar de assuntos inadiáveis.

Descarregadores de Mar e Terra.—Pelas 20 horas, a assembleia, geral da classe com a seguinte ordem de trabalhos: leitura, discussão e votação do relatório de contas da gerência de 1926 e parecer do Conselho Fiscal. Nomeação dos corpos gerentes para o corrente ano.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 20 horas a comissão administrativa. Pede-se aos delegados das oficinas que compareçam para conferir as quotas e pagar o subsidio aos sócios desempregados.

Juventudes Sindicistas

Federação — Conselho Federal.—Refine hoje, pelas 21 horas, com a ordem dos trabalhos publicada no dia 19, sendo necessária a comparencia de todos os delegados.

A canhoneira "Ibo" vai reparar

A canhoneira «Ibo» vai entrar em doca a fim de reparar as avarias que sofreu devido ao grande temporal.

UM CASO A APURAR

Quem acompanhava Manuel Francisco quando este caiu morto nas terras do Sabido?

A morte de Manuel Francisco, que a imprensa tornou conhecido pelo «sobriquet» de *Gavroche*, continua envolta em grande mistério. De principio e por diagnóstico do sub-delegado de saúde, atribuiu-se essa morte a congestão pulmonar em virtude de Manuel Francisco quanto foi encontrado jorrar sangue pela boca.

Na autópsia efectuada ontem os peritos verificaram que a morte fóra causada por um tiro na nuca, disparado a pouca distância e por pessoa que acompanhava o morto.

Em volta do provável autor da morte de Manuel Francisco chocam-se as opiniões. Os jornais que lhe deram celebridade, admitem que Manuel Francisco foi morto pelos seus companheiros ou pelos membros da legião conhecida por «Cavaleiros da Luz». Duas entidades — há que esses jornais não acreditam como autores da morte: o gatinho profissional ou a polícia.

O primeiro porque lhe repugna fazer sangue mesmo nos casos especiais, dizem alguns jornais, e a polícia porque é uma entidade mantenedora da ordem.

Quanto à hipótese dos gatunos não cremos. Manuel Francisco não vivia numa situação que concitasse a cubia dos amigos do alheio. Se algum laráprio se aproximasse dele com intuito de lhe surripiar qualquer coisa, com certeza que ficaria enganado.

Mas já quanto à hipótese da polícia não defendemos a mesma coisa. A hora em que Manuel Francisco foi morto, o local do crime e as condições em que ele foi praticado indicam que só a polícia poderia sair a salvo dessa empresa.

Toda a gente do bairro, asseveram os jornais, sabia que Manuel Francisco era o *Gavroche* e onde morava. Se ele era conhecido no sítio, necessariamente que a polícia não o ignorava.

Ora se juntarmos a esta circunstância o mistério que envolve o caso poderemos tirar por conclusão que Manuel Francisco não foi morto pelos seus companheiros, nem pelos «Cavaleiros da Luz», entidade que só na mórb